

TRUMP E A MANIPULAÇÃO DA INTELIGÊNCIA SOBRE O IRÃ

Por Paul R. Pillar*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Estamos mais uma vez explorando um mundo onde a Inteligência é moldada para se adequar a uma política, não para informá-la.

O presidente Donald Trump, em duas ocasiões, no espaço de uma semana, entrou em desacordo com agências de inteligência dos EUA sobre questões envolvendo o programa nuclear iraniano. Em cada caso, Trump defendia sua narrativa preferida, mas as diferenças substantivas nos dois casos eram em direções opostas.

Antes de os Estados Unidos se juntarem ao ataque de Israel ao Irã, Trump rejeitou depoimentos anteriores da Diretora de Inteligência Nacional, Tulsi Gabbard, nos quais ela apresentou a opinião da comunidade de inteligência de que “o Irã não está construindo uma arma nuclear e o Líder Supremo Khamenei não autorizou o programa de armas nucleares que ele suspendeu em 2003”. Questionado sobre esse depoimento, Trump disse: “ela está errada.”

Então, após um ataque aéreo americano que Trump alegou ter “obliterado total e completamente” as principais capacidades nucleares iranianas, reportagens da imprensa sobre uma avaliação preliminar vazada da Agência de Inteligência de Defesa sugeriram que os ataques aéreos americanos provavelmente atrasaram o programa iraniano em apenas alguns meses. A Casa Branca reagiu, com o próprio

Trump reafirmando sua linguagem de “*obliteração total*”. A secretária de imprensa da Casa Branca, Karoline Leavitt, declarou que a avaliação de inteligência divulgada estava “*completamente equivocada*”.

Em primeiro lugar, Trump acusou a inteligência americana de subestimar uma suposta ameaça. Em segundo lugar, acusou-a, na prática, de superestimar o que restava dessa “*ameaça*” após o ataque americano. As agências de inteligência não estavam sendo, em primeiro lugar, pacifistas e, de repente, se tornaram alarmistas linha-dura.

Em vez disso, os episódios refletem a tentativa de Trump de distorcer a história, transformando-a em uma narrativa em que ele supostamente enfrentou uma grave ameaça e, por meio de sua ação ousada, a eliminou.

O governo se esforçou ao máximo para desacreditar qualquer sugestão de que o impacto dos ataques aéreos americanos no programa nuclear iraniano não tenha sido significativo e duradouro. O diretor da CIA, John Ratcliffe, emitiu uma declaração de que “*um conjunto de informações confiáveis de inteligência indica que o Programa Nuclear do Irã foi severamente prejudicado pelos recentes ataques direcionados*”. A DNI Gabbard afirmou nas redes sociais que “*novas informações confirmam o que o @POTUS afirmou inúmeras vezes: as instalações nucleares do Irã foram destruídas*”, enquanto Gabbard menosprezou a “*mídia de propaganda*” por noticiar a avaliação vazada da DIA.

A reação ignora as principais questões sobre se os ataques aéreos foram sensatos e o que vem a seguir no confronto com o Irã. Ninguém contesta que o ataque americano causou danos pesados. Bombas de 13.600 kg tendem a causar isso. O ministro das Relações Exteriores iraniano reconheceu “*danos significativos e sérios*” às instalações nucleares devido aos ataques americanos.

Mas mesmo danos físicos graves não implicam na incapacidade de reconstruir e reconstituir um programa. Tampouco nega que, mesmo com danos graves às instalações visadas, ainda existam materiais e equipamentos que podem servir de base para a reconstituição.

A instalação subterrânea de enriquecimento de urânio em Fordow – o principal alvo dessas bombas de 13.600 kg – recebeu a maior atenção nos comentários pós-ataque. Essa instalação está localizada tão profundamente no subsolo que há boas razões para duvidar que mesmo vários destruidores de *bunkers* possam destruí-la, embora Rafael Grossi, chefe da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), avalie que a sensibilidade das centrífugas de enriquecimento à vibração significa que elas provavelmente foram desativadas.

Pelo menos tão importante é a alta probabilidade de que o Irã, prevendo ataques, já tenha transferido pelo menos parte de seu urânio enriquecido para locais não revelados. Isso pode incluir 400 quilos de urânio enriquecido a 60% que estavam em Fordow.

Também permanece o talento científico e de engenharia envolvido em um programa nuclear de décadas e que está espalhado por um número tão grande de

pessoas no Irã que nem mesmo Israel poderia assassinar. Esse talento pode ser aplicado à reconstrução de qualquer uma das instalações nucleares, incluindo a instalação de conversão de urânio que o secretário de Estado Marco Rubio destacou ao se juntar à mensagem do governo sobre os graves danos ao programa iraniano.

Supostos prazos para uma possível reconstituição do programa nuclear iraniano foram lançados nos esforços para distorcer essa história, de forma descuidada e sem fundamento. Tanto Ratcliffe quanto Gabbard falaram em “anos” necessários para a reconstrução. Trump disse que o programa iraniano “já era por muitos anos”. Questionado se os Estados Unidos atacariam o Irã novamente, Trump respondeu: “*Não vou ter que me preocupar com isso*”, sugerindo que não haverá reconstrução do programa iraniano durante os três anos e meio restantes de seu governo.

Ainda é impossível fazer tais projeções que vão muito além de palpites fundamentados, e não apenas porque projeções com base sólida exigiriam observações no local que nem a AIEA nem os Estados Unidos podem fazer atualmente. O cronograma para a reconstituição também depende fortemente da prioridade que o governo que realiza a reconstituição atribui ao projeto e dos sacrifícios que está disposto a fazer para atingir seu objetivo.

A esse respeito, recorde-se como, na década de 1970, o primeiro-ministro Zulfikar Ali Bhutto, do Paquistão, declarou que os paquistaneses “*comeriam capim, até passariam fome*” se fosse necessário para adquirir uma arma nuclear. O Iraque de Saddam Hussein, após o bombardeio israelense de um reator nuclear iraquiano em 1981, iniciou um programa nuclear clandestino acelerado e de alta prioridade que deixou o Iraque muito mais perto de adquirir uma arma nuclear do que jamais esteve em vias de alcançar antes do ataque israelense.

Os esforços de manipulação do governo são especialmente equivocados no que diz respeito às intenções iranianas. Este é o assunto sobre o qual Trump ignorou pela primeira vez um importante julgamento da comunidade de inteligência e que determina se a guerra foi realmente necessária para impedir uma arma nuclear iraniana.

Exagerar uma ameaça estrangeira é especialmente fácil de se safar quando se trata, em grande parte, de uma questão de intenções e não de capacidades. Uma afirmação sobre capacidades pode posteriormente ser refutada por evidências materiais, enquanto a prova ou refutação de intenções envolve a questão mais difícil de saber o que se passa na cabeça dos líderes estrangeiros.

Se nenhuma evidência sólida da intenção iraniana de construir armas nucleares surgir, Trump pode alegar que foi sua ação decisiva que intimidou ou dissuadiu os iranianos de tomarem essa medida. Alternativamente, se os ataques israelenses e americanos levarem os iranianos – percebendo a necessidade de um poder de dissuasão mais forte – a construírem uma arma nuclear, Trump pode alegar que essa era a intenção iraniana desde o início. Será difícil para o público distinguir o que é verdade e o que é mentira nesta história.

O público americano tem seus próprios preconceitos que contribuem para esse tipo de manipulação do governo, incluindo a disposição de presumir o pior em qualquer coisa relacionada ao Irã. O governo também pode explorar a ignorância pública básica sobre o assunto, como indicado por uma pesquisa de 2021, na qual 61% dos entrevistados acreditavam erroneamente que o Irã já possuía armas nucleares.

Os esforços incansáveis do governo israelense para retratar o Irã como uma grave ameaça têm contribuído para as percepções das elites e do público. Israel injetou fragmentos de inteligência nessa campanha alarmista, que envolveram supostas “novas” revelações que não vão além do conhecimento prévio, ou que são observações circunstanciais que exigem uma cadeia de suposições do pior cenário para conectá-las a uma suposta decisão iraniana de construir uma bomba.

Israel demonstrou, por meio de suas operações ofensivas, quão extensa é sua penetração de inteligência no Irã. Se a rala informação que ofereceu sobre uma suposta decisão iraniana de construir uma arma nuclear é o melhor que consegue apresentar, essa rala informação é, por si só, evidência de que o Irã não tomou tal decisão.

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, vem afirmando há mais de três décadas que o Irã está prestes a construir uma arma nuclear. Embora até um relógio quebrado esteja correto duas vezes por dia, acreditar no que Netanyahu diz sobre questões nucleares iranianas é desconsiderar o quão errado ele esteve por tanto tempo. Também desconsidera o quão tendenciosa qualquer revelação da inteligência israelense sobre o assunto certamente será, dado o forte objetivo israelense de envolver os Estados Unidos em uma guerra contra o Irã.

É seguro presumir que qualquer informação que Israel ofereça é uma pequena fração do que coletou sobre o assunto, cuidadosamente selecionada para apoiar seu esforço de arrastar os Estados Unidos para a guerra. Isso se chama *cherry-picking* (escolher a dedo). Os americanos deveriam entender esse conceito, visto que, há 22 anos, foram alvos de um uso tendencioso semelhante de inteligência para vender a invasão do Iraque, um episódio que já relatei detalhadamente em outro lugar.

As recentes declarações de Ratcliffe e Gabbard, destinadas a sustentar as afirmações de “*obliteração*” de Trump, são outro exemplo de *cherry-picking*. As declarações não são avaliações. Quando Ratcliffe, por exemplo, cita “*novas informações*” de que “*várias instalações nucleares iranianas importantes foram destruídas e teriam que ser reconstruídas ao longo dos anos*”, isso não diz nada sobre o que não foi destruído e qual é o potencial de reconstituição de todo o programa nuclear iraniano.

Anteriormente, Trump almejava um acordo com o Irã que pudesse ser apresentado como um “*acordo melhor*” do que o alcançado por Barack Obama. Mas agora que Netanyahu o atraiu para uma guerra com o Irã, Trump diz: “*Não me importa se tenho um acordo ou não.*” Ele terá dificuldade em ignorar as evidências da continuidade das capacidades nucleares iranianas e em ignorar as avaliações da inteligência americana sobre o assunto.

Trump sentirá pressão para lidar com essas capacidades e terá dificuldade em manter sua previsão de que não precisará se preocupar com novos ataques ao Irã. A pressão virá especialmente do governo israelense, cujo objetivo de manter os Estados Unidos militarmente engajados contra o Irã continuará e cujo ministro da Defesa, Israel Katz, está falando sobre uma “*política de execução*” envolvendo novos ataques contra o Irã.

Enquanto isso, a tarefa da inteligência de monitorar o que resta do programa nuclear iraniano será mais difícil do que nunca. Não há substituto para o monitoramento *in loco* por inspetores internacionais, especialmente o tipo intrusivo previsto no acordo abrangente que o Irã assinou em 2015 e que Trump abandonou três anos depois. O Irã, irritado com a AIEA por não condenar formalmente os ataques israelenses e americanos e suspeitando que a agência forneceu informações a Israel que facilitaram ataques e assassinatos israelenses, não tem pressa em restaurar o acesso dos inspetores.

Publicado no [Responsible Statecraft](#).

***Paul R. Pillar** é pesquisador sênior não residente do Centro de Estudos de Segurança da Universidade de Georgetown e pesquisador não residente do Instituto Quincy for Responsible Statecraft. Ele também é pesquisador associado do Centro de Política de Segurança de Genebra.
